

GUIMARÃES 2012

A R Q U I

COM

T E

" GUIMARÃES 1937 A 1970 "

A U T O R

T U R A

CÂMARA MUNICIPAL DE GUIMARÃES

CAPITAL EUROPEIA DA CULTURA

ARQUIVO MUNICIPAL



ALFREDO PIMENTA

Moradia Dr. António Rocha: a “casa avião” ou “casa verde”

A moradia do economista Dr. António Rocha é um projecto modernista de 1947 da autoria dos arquitectos Delfim Fernandes de Amorim (1917-1972) e Luís Oliveira Martins (1918-1997), construído em 1949, contra todas as probabilidades, na rua Dr. Agostinho Barbosa, em Guimarães.

Cármem da Conceição Faria Calado conheceu Delfim Amorim ainda no Liceu da Povia do Varzim. Sabia da sua vontade de ser arquitecto e prometeu-lhe que se um dia mandasse construir uma casa, esta seria projectada por ele, confiando-lhe uma autonomia total nas decisões de projecto. Quando Carmem Calado, anos mais tarde, casou com o Dr. António Rocha cumpriu escrupulosamente o prometido. Delfim Amorim, com 30 anos e até à altura com pouca obra edificada, afirmou na altura aos proprietários da moradia que este era o seu primeiro projeto executado com rigor e vontade.

O lote urbano adquirido pelo casal Rocha na Rua Dr. Agostinho Barbosa situava-se na charneira entre o centro histórico e o Largo Martins Sarmiento, que dá acesso ao Paço do Duques de Bragança e onde se situava o antigo edifício da Câmara Municipal. Temendo a sua centralidade, tão condicionado pelo dever histórico que o Estado Novo idealizou para Guimarães, Delfim Amorim, procurou legitimar o seu projecto modernista “integrando-o na construção do mesmo espírito do tipo de outras moradias circunvizinhas” da Avenida Eng.º Duarte Pacheco (hoje Av. General Huberto Delgado), referindo-se este “mesmo espírito” apenas ao tipo e não ao estilo *português suave* que as caracterizava.

Esta preocupação, ou melhor, argumentação de integração do projecto num novo contexto, realçada na memória descritiva, evocava ainda uma descrição das paredes exteriores do Rés-do-chão, como sendo de “granito com paramento rusticado”, sabendo-se este “rusticado” a tendência de um modernismo de segunda geração, pós-guerra, mais comprometido com a cultura e tradição local. Ainda assim, o breve esforço de Delfim Amorim em legitimar o projecto pelo contexto era traído pela convicção com que a forma seguia a função, escreve na

memória descritiva: “como se lê no projecto houve a maior preocupação em conciliar os pontos do programa e seu funcionamento com orientação e exposição, procurando de modo a obter o resultado mais harmónico entre os elementos – função e forma – que constituem o edifício”.

É evidente que o projecto de Delfim Amorim e Oliveira Martins, persegue os cinco pontos que Le Corbusier evidenciou com maior expressividade na Villa Savoye (1929-31): a estrutura de betão armado assente em “pilotis” que elevam a casa e libertam o terreno; a planta livre, que permite uma autonomia das paredes do rés-do-chão em relação à estrutura (veja-se o belíssimo pormenor da parede da garagem que curva tangencialmente aos “pilotis”, no sentido de proporcionar um maior conforto na abertura da porta do carro); os alçados, também eles autónomos da estrutura e desenhados de modo a proporcionar o rasgar de vãos horizontais; e como não poderia faltar, a cobertura plana e o respetivo aproveitamento de área para terraço com um jardim de canteiros de forma orgânica, evidenciando a visão decorativa e artificial que modernistas tinham da natureza. No dia da nossa visita havia morangos.

A racionalidade deste projecto, afirmada na retícula ortogonal que estrutura os pilares, estimulará sem condicionar uma organização do programa da casa de forma hierarquizada em torno de uma escada central com luz natural e carácter dinâmico. As zonas mais íntimas da casa são remetidas para lado posterior (virado a sul), as zonas sociais partilham o alçado principal e vistas da rua. Na transição entre zonas um bloco de águas, único, resolve cozinha e quarto de banho evidenciando uma economia das infraestruturas. Todos estes atributos programáticos e funcionais não invalidaram alguma resistência da comissão estética da Câmara Municipal, Delfim Amorim tinha mesmo um plano B, um segundo projecto mais tímido e conservador, mas felizmente, segundo consta, a intervenção favorável do escultor António de Azevedo na Câmara acabou por viabilizar logo a primeira hipótese. Quando terminou a obra e foram retirados os respetivos andaimes, depressa a população (e os carteiros) alcunharam a moradia de “casa avião” (não sendo isto necessariamente tido por todos como

um elogio) por se elevar do solo e pela leveza da pérgula que ensombrava o terraço.

Poderemos afirmar que este processo é paradigmático do confronto e resistência que os arquitectos modernistas assumiram perante a ideologia do Estado Novo pautada pela imposição de uma arquitectura nacionalista sob a designação hegemónica de “casa portuguesa”. É no ano de 1948, ano de entrada do projecto da “casa avião” na Câmara Municipal, que os arquitectos se reúnem pela primeira vez em congresso nacional, para reivindicar “a arquitectura moderna no quadro de uma nova consciência profissional”. Não por acaso, Luís Oliveira Martins surge neste congresso com a tese sobre “alguns factores que intervêm na limitação do desenvolvimento do progresso da arquitectura e urbanismo”. Ainda assim, o consenso obtido no Congresso Nacional à volta da defesa de uma arquitectura modernista ou mesmo as iniciativas posteriores da Organização dos Arquitectos Modernos (da qual Delfim Amorim e Oliveira Martins fizeram parte), não parecia ser consequente perante uma realidade social e política que só aceitaria promover a imagem de uma arquitectura modernista nas ex-colónias, talvez porque esse território era visto pelo Estado como um lugar sem história nem passado ou um lugar onde se impunha a rutura necessária para a imposição de uma nova ordem.

Delfim Amorim, de “espírito inconformado”, alinhado com os ideais da esquerda e frustrado com as condições socioeconómicas que Portugal vive sob a ditadura de Salazar, decide, em 1951, emigrar para a cidade do Recife, no Brasil, onde já vivia o seu irmão e onde teve oportunidade de desenvolver nas décadas seguintes uma obra de referência, premiada e publicada na monografia *Delfim Amorim, Arquitecto* (Edição IAB, Recife, 1991).

Poucos anos depois da “casa avião” chocar a sociedade vimaranense pelas suas linhas modernistas antevia-se já uma “terceira via” na arquitectura portuguesa (nem nacionalista, nem modernista). Escreve Fernando Távora, em 1953: “*seguem caminho errado os que preconizam o retorno a estilos que já foram ou que pelo figurino da moda pretendem criar em Portugal uma arquitectura e um*

urbanismo modernos; qualquer destas atitudes revela um tão perigoso quanto inútil diletantismo plástico. O estilo não conta; conta, sim, a relação entre obra e vida". Mas se isto é verdade, se o que conta verdadeiramente é a relação entre a obra e a vida, então deveremos considerar em primeiro lugar o testemunho de Cármen Rocha, com uns invejáveis 94 anos e que ainda hoje habita a "casa avião" com orgulho, felicidade e conforto. A sua "casa verde", da cor das suas paredes, inicialmente verde clarinho depois verde escuro. A sua " casa verde" dos "verdes anos" da arquitectura portuguesa de que nos fala Ana Tostões.

Pedro Bandeira, 14 de Junho de 2013.

ARQUITETURA COM AUTOR
GUIMARÃES 1937 A 1970

PUBLICAÇÃO
GUIMARÃES 2012 CAPITAL EUROPEIA DA CULTURA

EDIÇÃO
CÂMARA MUNICIPAL DE GUIMARÃES – ARQUIVO MUNICIPAL ALFREDO PIMENTA

PRODUÇÃO
A OFICINA CIPRL

COORDENAÇÃO EXECUTIVA
FRANCISCA ABREU

COLABORAÇÃO EXECUTIVA
ALEXANDRA MARQUES

COORDENAÇÃO EDITORIAL
FILIPE VILAS-BOAS

COLABORAÇÃO EDITORIAL
MARTA MOTA PREGO

INVENTARIAÇÃO
RAQUEL SEIJO, CARLA SOFIA LIMA, FILIPE VILAS-BOAS

REVISÃO
FILIPE VILAS-BOAS, MARTA MOTA PREGO

IMAGENS DIGITAIS
ARQUIVO MUNICIPAL ALFREDO PIMENTA, PAULO PACHECO

TEXTOS
ALCINO SOUTINHO, ANDRÉ FONTES, ANTÓNIO VIANA PAREDES, CARLOS FALCÃO,
FILIPE FONTES, FILIPE VILAS-BOAS, FRANCISCA ABREU, JOÃO SERRA,
JORGE DA COSTA, JOSÉ MANUEL FERNANDES, LUÍS FERREIRA ALVES,
PEDRO BANDEIRA, RICARDO COSTA, SEARA DE SÁ

DESIGN
WHITE STUDIO

FOTOGRAFIA
ALEXANDRE DELMAR
A CAIXA NEGRA | FOTOGRAFIA DE ARQUITETURA E DESIGN

DATA
NOVEMBRO 2013

IMPRESSÃO
ABREU & PIRES LDA.

TIRAGEM
100 EXEMPLARES NUMERADOS

ISBN
978-972-8050-49-8

DEPÓSITO LEGAL
371797/14

**ESTA EDIÇÃO FOI PUBLICADA NO ÂMBITO DO PROGRAMA DE PENSAMENTO
DE GUIMARÃES 2012 CAPITAL EUROPEIA DA CULTURA.**